

AS DUAS GÉMEAS

Com o velho pai viviam
Duas irmãs que faziam
A cobiça de quem as via
Viviam modestamente
E passavam alegremente
A trabalhar todo o dia

Uma era lavadeira
E a outra costureira
E sempre se deram bem
Foram p'ra escola aprender
P'ró seu exame fazer
Ainda era viva a mãe

Foram gémeas no nascer
E o pai vias crescer
Sem com nada lhes faltar
Aos dezoito anos de idade
Mostravam grande vontade
De começar a namorar

A Sofia e a Maria
Pediram um certo dia
Ao seu pai autorização
Para as não confrariar
Já que elas queriam casar
Não pôde dizer que não

Eu para mim não vos quero
E o que de vós espero
É nenhum desgosto sofrer
A vossa felicidade
Para um homem da minha idade
É uma alegria e prazer

Já Maria namorava
Com um rapaz a quem amava
Bem parecido por sinal
Na tropa já tinha andado
Mas era muito estouvado
O defeito principal

Trabalhava quando queria
Aos seus pais só parecia
Para ir buscar dinheiro
Como a sua namorada
Por si estava apaixonada
Foi para ela um traiçoeiro

A honra dela manchou
E mais dum mês se passou
Sem ele a ir namorar
E assim a jovem Maria
Esse desgosto sofria
Era triste o seu penar

Num domingo de manhã
A Sofia disse à irmã
Depois de virem da Igreja
Ando há dias a ver em ti
Que sofres como nunca vi
Deve ser mal de inveja

Saudades leva-as o vento
Há-de chegar o momento
Da tua felicidade
Eu queria que me contasses
Mas que não me enganasses
O que se passa de verdade

«Maria conta à sua irmã
o que se está a passar na sua vida»

Como sabes namorava
Com José a quem amava
Nele sempre acreditei
Mas no amor fui iludida
Já não tenho amor à vida
A minha honra manchei

Ao ouvir tal confissão
Da irmã, seu coração
Ali foi despedaçado
Pois no mês que te faltou
Maria juro que sou,
Um ser amaldiçoado

O mais sensacional drama de amor, vivido entre duas irmãs
que se apaixonaram por um rapaz, que foi a sua perdição

E vais saber a razão
Esse garoto e vilão
Soube-me bem enganar
A um mês disse-me assim
Sofia você de mim
Tem muito para escutar

Começou por me dizer
A sua irmã não me quer
Nós podemos namorar
Para já o que me interessa
É arranjar e depressa
Eu tenho de me casar

Esse falso prometimento
Que seria o casamento
Levou-me então a perder
Mas podes crer minha irmã
Esse dia não chegará
Prefiro antes morrer

No seu quarto se fechou
E ali muito chorou
Com um desgosto profundo
Forte veneno bebeu
Que num momento morreu
Deixando assim o mundo

O pai delas foi sabedor
Do que fez esse traidor
Quis resolver a questão
Com dois tiros o matou
E à prisão se entregou
Foi esta a resolução

Agora a jovem Maria
Está a viver com uma tia
Espera tudo esquecer
E conta a todo o momento
Entrar já para um convento
Onde tenciona viver

Autor OILEDA

Aventura duma Mãe

Morreu abraçada a duas filhinhas num pavoroso incêndio, ao tentar salvá-las

Foi na encosta dum monte
Sem haver água nem fonte
Que um incêndio sucedeu
Numa casa humilde e pobre
Três mortes lá se descobre
Nada escapou tudo ardeu

Três anos tinha Maria
E de quatro era Sofia
Criadas com muito amor
Foi com lumes que encontraram
Que sua casa incendiaram
Causou enorme pavor

O pai delas é pedreiro
Assim passa o dia inteiro
Numa pedreira a trabalhar
Enquanto a mãe coitada
Aos dias era criada
Duma gente lá do lugar

Ao ouvir gritar é fogo
A pobre mãe correu logo
Em direcção a sua casa
Mas quando perto chegou
Aterrorizada ficou
Já tudo ardia em brasa

Lançou-se pelo braseiro
Amor louco verdadeiro
P'ra salvar as filhas queridas
Pobre mãe que infeliz sorte
Ali teve a sua morte
Desapareceram três vidas

Foi valente e de coragem
Mas o fogo com voragem
Queimou tudo num momento
Enquanto o pobre pedreiro
Ao ver a casa num braseiro
Ficou louco que tormento

Mãe e filhas abraçadas
Foram assim encontradas
Ninguém lhes pode valer
Todos dizem com razão
Que não há maior ladrão
Do que o fogo podem crer

A gente desse lugar
Passa o tempo a chorar
Com paixão e muita mágoa
E isto é bom de ver
Se outro fogo suceder
Ali não há gota de água

Todo o cuidado é preciso
As crianças não têm siso
Para saberem compreender
Quanto fogos se tem dado
E o fraco resultado
É num momento tudo arder

Foi agora o que se deu
Com essa mãe que morreu
Nesse fogo carbonizada
Para as filhas salvar
Ela teve de lutar
Mas não lhe valeu de nada

Agora o seu marido
Da ideia anda perdido
Com tristeza e loucura
Já não quer saber da arte
Vagueia por toda a parte
A chorar sua amargura

Toda a gente compreende
O amor que a todos prende
É família constituída
E num momento esse amor
Transforma-se em luto e dor
Para que nos serve a vida?

Por isso oh mães e pais
Que estes versos escutais
Muito cuidado e tino
Não deixais lumes à mão
Das criancinhas senão
O fogo é o seu destino

Fotografias, em ponto grande, de artistas

António Calvário	Madalena
Roberto Carlos	Tony de Matos
Mourão	Artur Garcia
Madalena Iglésias	Ouro Negro
Adamo	João Paulo
Santo	Raquel Yelch
(Fugitivo)	Simone
David Jansen	Chaparral
Maria da Fé	Tonicha
Tom Jones	François Hardy
Salomé	Fernando Tordo
John Holliday	etc., etc.
Eusábio	CADA 3\$00

Pedidos a: ROSA C. C. FERNANDES
Rua dos Bragas, 140 — PORTO

A Perdição duma Mãe

Num adeus de despedida
Deixou a esposa querida
E e abalou de Portugal
Consigo levava a esperança
Que nessas terras de França
Seria o ponto ideal

Trabalhar e ser obreiro
Para juntar algum dinheiro
E voltar à sua terra
Pois ali tinha ficado
O seu ente mais amado
Que o seu coração encerra

Alguns meses decorreram
E graves coisas se deram
No seu lar humilde e pobre
Pela esposa atraçoado
Começou a ser falado
Mas ela nada descobre

Por destino ou ironia
Ela no ventre trazia
O compromisso fatal
Era uma linda criança
Que escondeu da vizinhança
Cometendo um grande mal

Esse anjinho ela matou
E na cosinha o enterrou
Para se livrar de embaraços
Nunca lhe passou pela mente
Que por ali andava gente
A seguirem os seus passos

Enquanto ela foi lavar
Foram a guarda avisar
Das suspeitas que já haviam
Com a maior precaução
Os guardas na ocasião
Esse crime descobriam

Na cosinha desenterraram
A criança que encontraram
Como prova da verdade
Quando ela a casa chegou
Admirada ficou
Ao ver a autoridade

A criança lhe mostraram
E logo ali indagaram
Porque ela fez essa morte
Foi presa e confessou
Que o marido atraçoou
Para sua infeliz sorte

Tão nova foi iludida
E agora está perdida
E por todos desprezada
Mas oxalá que Deus queira
Que se arrependa da asneira
Para não ser apontada

O marido foi avisado
Deste crime tão falado
À sua aldeia voltou
Um rapaz ainda novo
Que já nas bocas do povo
Anda falado e chorou

O pai dela reconheceu
Que seu genro não mereceu
Essa tão grave traição
Com os olhos rásos de água
Também sofreu essa mágoa
Com bastante comoção

Esse rapaz resolveu
O que tinha em casa vendeu
E numa nobre atitude
Mandou levar à prisão
A esposa por compaixão
Tudo pela sua saúde

Partiu para França depois
Tudo acabou entre os dois
Mas notícias recebia
Com certa paixão e dor
Pensava no seu amor
Que por ela ainda sentia

Mas depois tudo esqueceu
Quando ela respondeu
Para sua satisfação
Entregou no tribunal
Uma escritura por sinal
P'ra sua separação

Letras visadas pela Delegação
Geral de Espectáculos

Tip. COLÉGIO DOS ÓRFAOS — Porto

Atenção Se enviar um selo de recibo de 1\$00 para despesas receberá sem mais despesas em sua casa à sua escolha, um destes livros:
1 livro de Anedotas em verso ou 1 livro de Canções da Moda, pelos cançonetistas: Roberto Carlos, Amália, Fernando Farinha, Rafael, Tonicha, Mourão, Lenita, Adamo
e outros mais à sua escolha ou 1 Romance de Amor ou de Aventuras. — Escreva hoje mesmo para: ROSA C. C. FERNANDES — RUA DOS BRAGAS, 140 — PORTO

